



II CONEDU
CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

LEITURA NA ESCOLA: ENTRE O ESCRITO E O VIVIDO

Francisca Roseneide Gurgel Campêlo¹; Francisca Rozângela Gurgel Campêlo²; Iandra Fernandes Pereira Caldas³; Francicleide Cesário de Oliveira Fontes⁴;

¹Universidade do Estado do Rio Grande do Norte - UERN. rousygurgel.1@hotmail.com;

²Universidade do Estado do Rio Grande do Norte - UERN. angela-gurgel@hotmail.com;

³Universidade do Estado do Rio Grande do Norte - UERN. iandrafernandes@hotmail.com;

⁴Universidade do Estado do Rio Grande do Norte - UERN. fran.cesario@hotmail.com

RESUMO: O presente artigo advém da experiência vivida no componente curricular Estágio Supervisionado I, *Campus Avançado Prof^a Maria Elisa de Albuquerque Maia/CAMEAM* na Universidade do Estado do Rio Grande do Norte/UERN. Objetiva relatar as experiências vividas no referido estágio, enfocando as práticas de leituras na sala de aula e suas contribuições no processo de desenvolvimento linguístico e no gosto pela leitura dos alunos. Para tanto, a pesquisa possui uma abordagem qualitativa e é de caráter participante, o instrumento de coleta de dados utilizados foi o relato da experiência vivida. Deste trabalho conclui-se que as atividades realizadas nas duas semanas de estágio trouxeram resultados significativos para formação leitora dos alunos, vez que foi possível observar um avanço no que diz respeito à participação das crianças nas atividades de leituras e socialização das ideias. Através das leituras literárias foi possível o despertar do imaginário, a criatividade e um maior gosto pelo universo da leitura. Quanto ao estágio em si, foi de grande significação para nossa formação enquanto educadores.

PALAVRAS CHAVES: Estágio Supervisionado, Leitura, Literatura Infantil.

INTRODUÇÃO

O Estágio Supervisionado se configura como um Componente Curricular essencial na formação de qualquer aluno, vez que proporciona uma relação significativa de articulação entre teoria e prática. Este artigo é fruto da experiência vivida no Estágio Supervisionado I, no Curso de Pedagogia, do Campus Avançado Professora Maria Elisa de Albuquerque Maia/CAMEAM, na Universidade do Estado do Rio Grande do Norte – UERN. Objetivamos relatar as experiências vividas no referido Estágio enfocando as práticas de leituras na sala de aula e de que forma contribuimos no processo de desenvolvimento do gosto pela leitura.

É perceptível que o estágio é de suma relevância no processo de formação inicial do pedagogo, proporcionando uma compreensão detalhada do campo de trabalho que poderá atuar, desde o espaço escolar ao não escolar. Vale ressaltar que a noção de estágio aqui não se



II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

limita somente a uma experiência com a prática, mas sim, a uma concepção de estágio enquanto momento propício para a pesquisa. Segundo Lima (2004), o estágio supervisionado é o momento de refletir sobre o que é ser professor, e consequentemente entender o seu papel e o da escola na sociedade. Dessa forma, no contato com a realidade e durante o cotidiano da escola o estagiário deve perceber o importante papel do pedagogo na sala de aula, e entender que este é um espaço de transformação e que o educador nesta perspectiva o agente contribuidor para a mudança na escola, compreendendo, assim, a sua função social.

Com base nesse pensamento, justifica-se o nosso interesse na produção deste artigo, já que por compreendermos assim, o elegemos como um espaço para produção de conhecimentos, vez que oportuniza relatar, em forma de produção científica as nossas experiências de práticas pedagógicas desenvolvidas durante a sua realização.

O artigo está organizado da seguinte forma: no primeiro momento realizamos uma discussão teórica abordando a importância do Estágio Supervisionado para o processo de formação, e em seguida o papel da leitura e como trabalhá-la, de forma que estimule o gosto e o prazer, assim como a sua contribuição no processo ensino aprendizagem. No segundo momento realizamos o relato crítico de experiência e por fim a conclusão.

METODOLOGIA

A presente pesquisa tem características que fundamentam-se na abordagem qualitativa. Trata-se de uma pesquisa teórico-bibliográfica e de campo, com caráter participante. A técnica para a construção dos dados o instrumento foi o relato da experiência, com base nas ações desenvolvidas durante o Estágio Supervisionado I, do Curso de Pedagogia do CAMEAM/UERN.

O referencial teórico utilizado no artigo se ancora nas concepções de: Pimenta e Lima (2008) que discutem sobre o estágio e docência e a articulação entre teoria e prática no contexto escolar; Lima (2004) e Caldas (2013) ambas realizam reflexões sobre o estágio supervisionado e a ação docente; Villardi (1997) que discute sobre o gosto e o prazer pela leitura; Elias José (2007) sobre a literatura infantil e a importância de ler, contar e encantar as



II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

crianças através da contação; Martins (2007) enfoca sobre o que é leitura e o papel do educador na formação leitora; Pennac (2011) que aborda a leitura de forma gratuita, sem o interesse de trabalhar lição de moral ou conteúdos didáticos e discursivos. Assim como Rouxel (2013) que discorre sobre os aspectos positivos da literatura na formação leitora, entre outros autores.

RESULTADOS E DICUSSÃO

O Estágio Supervisionado proporciona ao aluno o descobrir-se, enquanto educador. É um dos momentos de articular as teorias estudadas durante o curso com a prática. É importante resaltar que essa articulação deve existir durante todo o percurso das disciplinas, desmistificando a concepção que teoria e prática são dissociadas, de acordo com Pimenta e Lima (2008):

A prática pela prática e o emprego de técnicas sem a devida reflexão podem reforçar a ilusão de que há uma prática sem teoria ou de uma teoria desvinculada da prática. Tanto é que frequentemente os alunos afirmam que “na minha prática a teoria é outra”. (PIMENTA; LIMA, 2008, p. 37, grifo das autoras):

As autoras deixam claro que a finalidade do estágio está intimamente relacionada com o intuito de formar o aluno na perspectiva da aproximação à realidade na qual atuará, isto é, o estágio proporciona momentos de reflexões, de perceber que as teorias estudadas no decorrer das disciplinas estão imbricadas com o fazer do educador, nos distanciando da ideia de que o estágio é apenas prática.

Isso faz-nos compreender que teoria e prática são indissociáveis, sendo que ambas têm aspectos fundamentais para a formação de um bom profissional. Assim, quando se percebe no discurso de alguns alunos que a teoria não se aplica na prática, é porque estes não compreenderam que a teoria pode ser adequada de acordo com a realidade da sala de aula.

Nesse caso, o estagiário precisa:



II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

Desenvolver um olhar sensível e imperativo acerca da realidade da escola e da universidade, compreendendo os fatos para além das aparências ou evidências habituais e perguntar-se: quais as teorias estudadas na universidade que, realmente, alicerçam a prática pedagógica na escola? Que teorias os professores das escolas constroem sobre o processo de ensino-aprendizagem? (CALDAS, 2013, p, 72)

Agindo assim, o estagiário busca desenvolver um olhar crítico, sensível diante da prática. Ressaltamos aqui que não se deve ir ao campo de estágio com um (pré) conceito da instituição ou dos profissionais que estão a anos trabalhando, mas é possível através de diálogos, de um olhar investigativo perceber as lacunas existentes, para, a partir dessa realidade, desenvolver o seu trabalho enquanto estagiário, de forma que venha a contribuir com a realidade vigente. Nesse momento, é importante está sempre articulando os conhecimentos construídos na universidade com os que se aplicam na prática pedagógica, percebendo também as teorias que os professores da instituição escolar desenvolvem ou constroem no processo de aprendizagem dos alunos e no seu fazer enquanto educador.

É visível que o estagiário tem o papel de observar, de investigar e de aprender, vez que essa experiência constitui-se como um dos momentos cruciais no seu processo de formação e que nesse processo o estagiário em muito aprende com os atores presente na escola, seja na prática do professor, no processo de aprendizagem dos alunos, nas atitudes dos demais profissionais da escola, todos contribuem na formação do estagiário. Existe nesse processo, uma riquíssima troca de conhecimentos, pois, a aprendizagem não se dá por si só, como defende Pimenta e Lima (2008) o estagiário deve desenvolver suas atividades em uma perspectiva coletiva, visto que, todo o percurso na instituição de ensino é resultante de um trabalho em conjunto com os profissionais da escola, ações essas que devem estar articuladas com os contextos sócias, culturais dos discentes.

A esse respeito, Pimenta (2001, p. 76) acrescenta que o aluno estagiário deve “[...] saber observar, descrever, registrar, interpretar e problematizar e, conseqüentemente, propor alternativas de intervenção”. Durante o período de observação em *lócus* é relevante que o estagiário busque registrar quais são as problemáticas presentes em sala de aula, para que, durante a regência as dificuldades sejam trabalhadas e se possível singradas.



Nesse sentido, no nosso caso, nosso olhar direcionou-se para a relevância do papel da leitura na formação da criança, vez que ela proporciona o desenvolvimento da imaginação, criatividade, a linguagem oral e escrita e contribui amplamente no processo cognitivo. Com base nessa relevância, torna-se fundamental que essa prática seja desenvolvida desde a mais tenra idade, sendo os pais os responsáveis pelo início da aprendizagem dos seus filhos por proporcionarem o primeiro contato com as leituras e com os livros literários. Porém, quando isso não ocorre, a responsabilidade de estimular o gosto e o prazer de ler da criança recai sobre a escola, e, conseqüentemente, sobre o professor.

Para tanto, é importante ressaltar o verdadeiro significado da leitura. Segundo Martins (2007), nesse processo, o educador tem um papel significativo, que não se resume a ensinar a ler os códigos ou símbolos, mas sim a possibilitar condições que leve o aluno a perceber que ler é ir além das palavras. Nessa mesma perspectiva, Villardi (1997) afirma que:

[...] ler é construir uma concepção de mundo, é ser capaz de compreender o que nos chega por meio da leitura, analisando e posicionando-se criticamente frente às informações colhidas, o que se constitui com um dos atributos que permitem exercer, de forma mais abrangente e complexa, a própria cidadania. (VILLARDI 1997, p. 04)

Desse modo, o educador precisa mediar os alunos para que estes aprendam a fazer a leitura de mundo, ler e saber interpretar, despertar uma leitura crítica em que os mesmos possam construir a sua própria aprendizagem. Sendo assim, o educador é o mediador na formação leitora, que na sua prática diversifica as formas de trabalhar com a leitura, possibilitando ao aluno um conhecimento mais amplo.

Nesse sentido a literatura infantil é considerada um dos melhores caminhos para o professor despertar a imaginação, as emoções e a criatividade, através do incentivo pelo gosto e o prazer em ler. A esse respeito, Rouxel (2013), acrescenta que:

A literatura lida em sala convida também a explorar a experiência humana, a extrair dela proveitos simbólicos que o professor não consegue avaliar, pois decorrem da esfera íntima. Enriquecimento do imaginário, enriquecimento da sensibilidade por meio da experiência fictícia, construção de um



II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

pensamento, todos esses elementos que participam da transformação identitária estão em ato na leitura. (ROUXEL, 2013, p. 24)

A fala da autora enfatiza a importância do professor trabalhar a literatura em sala de aula como meio de despertar na criança o imaginário, novos sentimentos, visões de mundo, construir novos conhecimentos e desenvolver-se intelectualmente. É importante ressaltar que a forma como o professor medeia à leitura, ou como conta uma história é essencial no processo da formação leitora.

Nessa perspectiva, segundo Cavalcante (2002), o contador de história precisa seguir alguns aspectos para atrair e possibilitar o gosto dos alunos pela leitura, para isso, o educador precisa ser apaixonado pelo mundo mágico da contação, contar a história com entusiasmo, sentimento de entrega e provocar curiosidade dos leitores, vez que segundo Busatto (2012, p.09) “Contar histórias é uma arte, uma arte rara [...] e o contador de histórias um artista que tece os fios invisíveis desta teia que é o contar”.

Outro ponto que precisa ser levado em conta é o fato do professor sempre usar a leitura com o intuito de questionar algo ou para trabalhar uma lição de moral com as crianças. Elias José (2007, p. 64), defende que “[...] nunca se deve confundir literatura, oral ou escrita, com lição de moral [...], a narrativa deve passar prazer, provocar fruição, sem qualquer preocupação com pragmatismo didático, discurso ideológico ou sermões”. Desse modo, fica claro que apesar da leitura ser trabalhada em alguns momentos em sala de aula com a finalidade de desenvolver alguns conteúdos ou problemática existente nesse ambiente, é necessário que exista a leitura deleite, sem qualquer cobrança ou lição de moral. Como também defende Daniel Pennac (2011), a leitura deve acontecer de forma gratuita.

Com base nessa compreensão de leitura, discutida acima, desenvolvemos nossa experiência de estágio Supervisionado na Educação Infantil com uma carga horária de 60 horas aulas, sendo 20 h/a de observação 40 h/a de desenvolvimento de práticas pedagógicas enfocando as práticas de leituras.

A escolha pelo enfoque na leitura se deu por percebermos, durante o período de observação, que a leitura se constituía em uma grande lacuna na sala de aula. É importante



II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

destacar, antes de irmos a campo, foram realizadas discussões de teorias durante a carga horária teórica do componente curricular Estágio Supervisionado I, as quais foram bastante significativas para nossa primeira experiência com a prática, vez que, através dessas, fomos a *locus* mais fundamentados, mais sensíveis e disponíveis a pesquisar.

A primeira semana foi o momento de conhecermos a escola, a equipe pedagógica, as parcerias, o seu funcionamento, o nível de formação dos professores e a estrutura da escola em geral, pois de acordo com Pimenta (2012), o papel do estagiário, nessa primeira etapa do estágio, é observar e ouvir os que compõem a escola.

Inicialmente, foi perceptível que todos os profissionais da creche Municipal Criança Feliz, no município de Pau dos Ferros-RN, especificamente a diretora, buscam desenvolver situações de interações, entre os alunos e a família de forma criativa e dinâmica, apesar das dificuldades encontradas em virtude do espaço inadequado, já que a instituição não dispõe de prédio próprio, funciona em uma casa alugada.

Um dos aspectos importantes e necessários no período de observação é a prática pedagógica da professora, tanto no que se refere a organização do planejamento e rotina diária, como também ao seu ensino e o nível de desenvolvimento da aprendizagem dos alunos. Com base nesses aspectos da observação, foi possível perceber as possíveis problemáticas, para construir os nossos planos de aula objetivando desenvolver ações que contemplasse as lacunas encontradas.

Foi no período da observação, caracterizado por Pimenta (2012), como o momento dedicado a coleta de dados e organização e sistematização dos registros, constatamos que existia certa carência acerca da leitura, nessa perspectiva, buscamos elaborar planos de aula voltados para a leitura, mas contemplando também outras áreas de conhecimento e outros conteúdos. Depois do breve levantamento de possíveis temáticas a serem trabalhadas, buscamos desenvolver estratégias diversificadas que proporcionassem às crianças, momentos prazerosos com a leitura deleite de forma lúdica.

Durante a segunda e terceira semana, realizamos a regência, momento de assumirmos, junto com a professora, a sala de aula e colocamos em prática os planos construídos com base nas problemáticas encontradas na observação. No início, estávamos um pouco apreensivas,



II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

por se tratar da primeira experiência como docente, mas nos primeiros minutos de aula esse nervosismo deu lugar a um entusiasmo e alegria por vivenciarmos tamanha experiência.

É importante frisar que, como foi constatado na observação, existia uma rotina, o que foi dado continuidade. No primeiro dia de aula após nos apresentarmos e conhecermos os alunos iniciamos uma discussão sobre as férias e entregamos para os mesmos um diário de férias, ao qual teriam que criar uma história de forma coletiva com a nossa mediação. Que ficou da seguinte forma: “Minhas férias foram maravilhosas, viajamos para o sítio, praia e para o Egito. Estamos felizes por voltarmos para escolinha”. Na fala das crianças foi perceptível que enquanto alguns viajaram para a casa de familiares, outros fizeram uma viagem através da imaginação, quando um dos alunos mencionou que viajou para o Egito.

No diário também fizeram lindos desenhos que retrataram as férias, ainda no primeiro dia nos deleitamos com a contação da história “Chapeuzinho Amarelo” de Chico Buarque (2006) e espontaneamente os mesmos associaram a história lida com Chapeuzinho Vermelho e discutiram sobre os aspectos da história, ressaltando o medo, a coragem, entre outros sentimentos.

Durante o percurso das duas últimas semanas realizamos formas distintas de trabalhar a leitura, como forma de despertar ainda mais o gosto e o prazer em ler. Realizamos momentos de contação de história oral, leitura de livros ilustrativos que para alguns era ainda mais interessante, pois, as imagens aguçavam a imaginação.

Também trabalhamos com a contação de histórias por eles para os demais colegas, e nisso, percebemos o quanto ficavam entusiasmados e sentindo-se importantes por serem os contadores. Em alguns momentos também havia o reconto.

Compartilhamos dos pensamentos de Elias José (2007), quando o mesmo defende que os contos, as narrativas por fruição têm papel significativo no desenvolvimento do ensino aprendizagem de forma prazerosa, bem como no provocar do despertar do imaginário dos alunos, a curiosidade e a vivenciarem novas experiências através das histórias, vale também ressaltar um maior desempenho na escrita e na forma de se expressar.

Nesse aspecto, salientamos que a oralidade dos alunos nos encantou, na forma distinta da contação de cada um, as variações das entonações nas falas dos personagens da história e



II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

as expressões corporais. Sob esta perspectiva, Busatto (2012) acrescenta a relevância da contação de história no desenvolvimento de diferentes aptidões, tais como o domínio no ato de se expressar diante o público, como nos seus afetos.

É importante focar que as escolhas das histórias de leitura ficavam a critério deles em algumas das atividades e nessas opções por qual história contar, ou a forma de recontar percebemos as singularidades, uns eram mais expressivos, alguns um pouco tímidos, outros contavam readaptando da sua maneira. Mas o importante é que todos queriam participar desses momentos.

Dentre as atividades encantadoras de leitura, desenvolvemos as rodas de leituras literárias, no pátio da escola, sentados no chão formávamos um círculo para nos deleitarmos com as leituras. Em um desses momentos realizamos a leitura do livro “O menino que espiava para dentro” da autora Ana Maria Machado (2008), eles ficavam encantados com a história, as imagens, e antes mesmo de terminar a leitura já queriam recontar. Em seguida realizamos a mediação do reconto e de forma espontânea foram expressando seus sentimentos, curiosidades, alguns mostrando que como o menino da história também realizavam lindas viagens através da imaginação, foi um momento inesquecível.

Como a leitura não se resume somente a decodificação de letras, realizamos, também, a leitura de imagens e para dinamizar esse momento realizamos um círculo e em seguida entoávamos uma música, quando esta parasse, quem estivesse com o livro iria fazer a leitura das imagens e os próximos continuariam a história de acordo com as ilustrações.

Nesse percurso também trabalhamos outros gêneros, como a poesia e a realização de brincadeiras com motivos de pirata, para motivar o gosto pela leitura. Para tanto, espalhamos na escola, antes da chegada dos alunos, mapas com “pistas” e um baú com o tesouro. No momento da aula buscamos conhecer as concepções prévias dos alunos sobre o universo dos piratas e em seguida lemos um pequeno texto, o qual continha a informação que o “pirata Francis” havia perdido o seu tesouro, e quem o encontrasse teria uma vida muito doce e poderia dividir com seus colegas.

Logo depois, anunciamos que o tesouro tinha sido escondido na Creche Criança Feliz. Em seguida propomos a busca ao tesouro e para incentiva-los ainda mais levamos para a



II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

turma toucas vermelhas e tapa olhos para que pudessem se caracterizarem e juntos embarcamos no mundo dos piratas, ao encontrar o tesouro se deliciaram com os bombons presente nela e em seguida se deleitaram com a poesia “O Pirata” de Andra Valladares, foi um dia mágico tanto para eles como para nós.

Durante essas semanas também trabalhamos a encenação através da história da Dona Baratinha da autora Ana Maria Machado (2004), objetivando estimular a leitura através da dramatização, para que os alunos tivessem um contato mais íntimo com a obra lida, incentivando também a socialização, para desenvolver melhor as relações com o outro e possibilitar aos mesmos, formas diferentes de trabalhar a leitura lida, para que percebam como é maravilhoso o universo da leitura.

Assim, percebemos a relevância dos textos literários no desenvolvimento do gosto pela leitura, para Rouxel (2013) a leitura literária contribui significativamente na construção da identidade dos alunos, do imaginário e no enriquecimento de seu conhecimento, a mesma também ressalta a importância de proporcionar aos alunos a diversidade de textos literários, bem como acrescentamos a fala da autora, práticas distintas de trabalhar com o literário.

É relevante ressaltar que nosso foco como já mencionado foi à leitura, mas no decurso das duas últimas semanas também trabalhamos temas como; a identidade, o preconceito, o respeito, as palavrinhas mágicas, práticas de leitura e escrita, exploramos as formas geométricas através da leitura, fomos à brinquedoteca do CAMEAM/UERN, entre outras atividades a qual exploramos conteúdos e conhecimentos diversos.

Assim, diante as atividades realizadas e resultados positivos obtidos perante estas, é perceptível que a leitura em muito contribui na construção do conhecimento da criança, e através da literatura infantil é possível despertar o imaginário, criatividade, sonhos, sentimentos e um incentivo pelo gosto do universo da leitura.

CONCLUSÕES

Mediante ao objetivo de relatarmos as experiências vividas no Estágio Supervisionado I enfocamos as práticas de leituras e escrita na sala de aula, na qual durante a realização das



II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

contações percebemos que os alunos ficaram atentos à leitura deleite, com um olhar de busca, interesse em contribuir com a história dos personagens e inquietos para descobrir o final da história. O que nos faz compreender que a ideia de que os alunos não gostam de ler deve ser desmistificada, pois é uma concepção equivocada que alguns professores utilizam para não desenvolverem bem o seu trabalho.

Desse modo, está claro que para formar leitor para a vida, necessário se faz que o professor ao trabalhar a leitura busque diversificar as histórias, os gêneros, a forma de contar, buscar usar as entonações contidas nas histórias como forma de desenvolver nos alunos os sentimentos contidos na mesma, estejam sempre usufruindo da leitura deleite sem obrigatoriedade, como defende Pennac (2011) ler de forma “gratuita” e principalmente, é, essencial que o professor seja um apaixonado por contação de história, essa é a forma de mostrar para as crianças o encantado mundo da literatura e do ato de ler.

Assim, contribuirmos no processo de desenvolvimento do gosto pela leitura e compreendemos que o nosso objetivo foi alcançado pelo fato de que conseguimos despertar em alguns e ampliar em outros o gosto pela leitura.

Faz-se necessário destacar, a significativa experiência do Estágio Supervisionado I para nossa formação enquanto futuras docentes. Diante dessa experiência percebemos que em nem uma hipótese a teoria distanciou-se da prática, pelo contrário em nossa prática percebemos que a realidade na qual estávamos atuando necessitava constantemente de adequarmos as teorias estudadas na universidade durante o percurso do curso, para atuarmos com mais precisão e consistência em sala de aula.

REFERÊNCIAS

BUSATTO, Cléo. **Contar e encantar:** pequenos segredos da narrativa. 8. Ed. – Petrópolis, RJ: Vozes, 2012.

CALDAS, Iandra Fernandes Pereira. Dissertação. **Estágio Supervisionado:** necessidades formativas do curso de pedagogia. UERN- Mossoró: 2013.



II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

CAVALCANTE, Joana. **Caminhos da literatura infantil e juvenil: dinâmicas e vivências na ação pedagógica.** São Paulo: Paulus, 2002.

ROUXEL, Annie. Aspectos metodológicos do ensino da literatura. In: _____ **Leitura de literatura na escola** / Maria Amélia Dalvi, Neide Luiza de Rezende, Rita Jover Faleiros, orgs. - São Paulo, SP: Parábola, 2013.

JOSÉ, Elias. **Literatura infantil: ler, contar e encantar crianças** – Porto Alegre: Mediação, 2007.

LIMA, Maria Socorro Lucena. **A hora da prática: reflexões sobre o estágio supervisionado e ação docente; colaboradores, Zuleide Ferras Garcia...[et al.]** – 4.ed., ver. e ampl. – Fortaleza: edições Demócrito Rocha, 2004.

MARTINS, Maria Helena. **O que é Leitura.** São Paulo: Brasiliense, 2007. - - (Coleção primeiros passos; 74).

PENNAC, Daniel. **Como um romance;** tradução de Leny Werneck. – Porto Alegre, RS: L&PM; Rio de Janeiro: Rocco, 2011.

PIMENTA, Selma Garrido, LIMA, Maria Socorro Lucena. **Estágio e docência;** revisão técnica José Cerchi Fusari. – 3. Ed. – São Paulo: Cortez, 2008.

VILLARDI, Raquel. **Ensinando a gostar de ler e formando leitores para a vida.** Rio de Janeiro: Qualitymark, Ed. 1997.